"Do índio ao bugre"; da assimilação à etnia

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

São ainda muito poucos os antropólogos brasileiros que chegariam a estar perto de serem considerados como produtores de uma "obra completa", não tanto — é preciso que se diga — pelo pouco que lhes restaria escrever, mas pelo bastante que já fizeram. Darcy Ribeiro poderia ser um deles. Roberto Cardoso de Oliveira, outro.

Com a diferença de alguns meses, dentro do ano de 1976, foram publicadas, uma nova edição do primeiro livro de Roberto Cardoso de Oliveira, e uma primeira edição do último: *Do índio ao Bugre — o processo de assimilação dos Terena* (Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1976); *Identidade, Etnia e Estrutura Social* (Pioneira, São Paulo, 1976).

Entre o primeiro e o último o autor escreveu e foram editados outros três livros (a primeira edição de *O Processo de Assimilação dos Terena* é de 1960). De uma seqüência de cinco, os três primeiros são monografias obtidas de trabalho de campo junto aos índios Terena do Sul do Mato Grosso e os Tukuna, do Alto Solimões [1].

Quem tenha procurado neles mais do que outra etnografia de "índios do Brasil" terá certamente encontrado, na passagem de um livro ao outro: 1.º) o "outro lado" da pesquisa das sociedades tribais, no interior de sociedades colonizadas, em que o índio aparece menos como o sujeito de sua própria cultura, do que do problema de se ver *historicamente* obrigado a enfrentar-se *com* e integrar-se *na* sociedade de classes; 2.º) a progressiva constituição de uma teoria capaz de explicar os determinantes e os resultados sociológicos (viz. antropológicos, diria RCO) do contacto forçado entre a socie-

---

[1] *O Processo de assimilação dos Terena.* Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1960; *O índio e o mundo dos brancos.* São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964; *Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terena numa sociedade de classes.* Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1968.

dade indígena e a nacional, a partir de uma crítica por onde a Antropologia supera, com proveito, as teorias culturais do processo de aculturação.

Os dois últimos livros da seqüência retomam momentos da experiência do autor entre os Terena e os Tukuna e atualizam: 1.º) um campo teórico de explicação do processo de relações interétnicas, progressivamente mais estruturado; 2.º) um campo polêmico de corajosa discussão sobre a política indigenista no Brasil. Os dois livros contêm 13 artigos escritos entre 1960 e 1975, 9 em *A Sociologia do Brasil Indígena* (Tempo Brasileiro/Ed. USP, Rio de Janeiro, 1972) e 4 em *Identidade, Etnia e Estrutura Social.*

Algumas lições são sempre obtidas da leitura dos momentos extremos da produção escrita de um mesmo autor. Procuremos aproveitar, portanto, a conjunção das datas que reuniu em edições próximas, obras publicadas originalmente com 16 anos de intervalo.

No caso de Roberto Cardoso de Oliveira, uma discussão inicial e conjunta de *Do Índio ao Bugre,* e de *Identidade, Etnia e Estrutura Social* — situado cada livro em seu tempo original de publicação — revela logo de saída que cada um deles antecipou, em nossa antropologia social, momentos de atualização no estudo das sociedades tribais confinadas em sociedades de classe.

Em uma época em que o problema do contacto entre índios e brancos no Brasil estava ainda amarrado aos limites estreitos das teorias de aculturação da antropologia norte-americana, os estudos de Darcy Ribeiro e de Roberto Cardoso de Oliveira conseguiram desviá-los, com proveito, de uma outra ortodoxia quase estéril, para orientações de uma dupla abertura inicial: uma, em direção às teorias de mudança social vindas da antropologia inglesa; outra, em direção à crítica dos modos de colonização mercantil e capitalista sobre sociedades colonizadas, praticada desde os casos africanos por sociólogos e antropólogos de tradição francesa.

Ao trabalhar junto a um grupo indígena cujo contato com a sociedade de classes é mais do que secular e diacronicamente marcado por situações e momentos que tornaram complexo e diferenciado o que poderia parecer apenas um lento e quase uniforme processo de assimilação de uma cultura em outra, as observações de Roberto Cardoso de Oliveira substituem a descrição dos *aspectos de cultura mudados,* pela análise *do processo* através do qual ela, e a sua sociedade, se modificam. Ainda que em *Do Índio ao Bugre* a linguagem seja a da aculturação, o modo, ao mesmo tempo diacrônico (a história social do contato) e sociológico (os determinan-

tes sócio-econômicos do processo) abrem espaço para uma futura teoria do próprio contato interétnico.

É sobre este espaço que o antropólogo constitui a sua teoria da fricção interétnica. Já em *Do Índio ao Bugre*, sobretudo a partir do capítulo IV, o foco sobre o processo de assimilação deixa estabelecidos os seguintes pontos de partida para uma análise do contacto interétnico.

a) O contacto entre uma sociedade tribal e a sua sociedade de classes — geograficamente envolvente, politicamente dominante e economicamente espoliadora — é um processo diacrônico somente explicado a partir da história das relações entre as duas sociedades. Neste caso, por outro lado, o processo não se explica com categorias de análise com tratamento e dimensões exclusivas para a sociedade de classes, uma vez que as relações possuem uma especificidade própria: são relações interétnicas.

b) Desde o ponto de vista da sociedade tribal — como componente necessário do que Cardoso de Oliveira definirá mais tarde como um *sistema interétnico* — o problema que se coloca, logo, o que importa explicar, é o das condições de sua permanência como um grupo social e etnicamente diferenciado, o grupo étnico. Ora, fora os aspectos propriamente organizacionais (na linguagem que o autor aproveitará de Fredrik Barth) que garantem a sobrevivência *da etnia como um grupo social,* o desafio proposto ao índio é o da manutenção de uma ideologia igualmente diferenciadora e capaz de preservar — no próprio interior do processo de assimilação — *o grupo social como uma etnia.*

De um lado, as perguntas e as respostas formuladas em *Do Índio ao Bugre,* estarão na origem da teoria da fricção interétnica e nos conceitos derivados dela e postos em uso sobretudo nos dois livros seguintes: contato interétnico, relações interétnicas e sistema interétnico. De outro lado, as primeiras preocupações com a escala propriamente ideológica desse sistema e de seus efeitos para o grupo tribal, serão a origem da idéia de identidade tribal e de identidade étnica, apresentada pela primeira vez no mesmo livro.

A análise da questão da identidade nas relações entre índios e brancos foi parcialmente diluída em *O Índio e o Mundo dos Brancos,* por uma confessada preocupação em explicar a fenomenologia da perda da consciência do índio na figura ambígua do caboclo. De

outra parte, por haver dirigido *Urbanização e Tribalismo* mais à história da integração dos Terena na sociedade de classes, através da análise comparativa dos seus modos de participação em sua própria sociedade e na dos brancos — entre índios da aldeia, das fazendas e da cidade —, o autor de novo não prossegue a discussão da ideologia de um *grupo étnico* que aos poucos se perde como *uma sociedade.*

Identidade, Etnia e Estrutura Social retoma justamente a especificidade do *étnico* e do *ideológico,* recolocando em termos ao mesmo tempo nucleares e atualizados: 1.º) a articulação social tomada como um processo de relações que, para o caso específico do enfrentamento entre o índio e o branco assume a forma de *articulação étnica;* 2.º) o grupo social, tomado como um modo de organização que, para o caso do índio, recobre a idéia de *grupo étnico;* 3.º) a identidade social, tomada por Cardoso de Oliveira como uma ideologia que, outra vez para o caso indígena, aparece como *identidade étnica.*

É sempre arriscado ao cientista social a redução de categorias de análise de um nível, em que elas parecem explicativas, para um outro, onde podem ser postas a operar sobre dimensões irreais ou, pelo menos, não substantivas.

Lévi-Strauss disse certa vez que uma das tarefas e prerrogativas da Antropologia era transformar em exótico o familiar. Esta afirmação pode significar muitas coisas e, alguns mal-entendidos dela, terão contribuído para que o trabalho de alguns antropólogos ficasse finalmente preso ao puro exótico, com uma quebra conseqüente do sério compromisso de crítica que se pode esperar de qualquer cientista social.

Mas entre as coisas que significa, ela pode sugerir que cabe à Antropologia introduzir os seus instrumentos em segmentos e em relações de todas as sociedades, usando de escalas e de posições de análise capazes de apreender com uma redobrada eficácia aquilo que costuma escapar ao cotidiano de outros cientistas sociais.

Os quatro estudos de *Identidade, Etnia e Estrutura Social* procuram discutir e explicar, para os casos incluídos no âmbito das relações interétnicas, uma parte importante da teoria desta questão de escalas na Antropologia.

No encontro entre os grandes segmentos de articulação da sociedade de classes — a começar pelas próprias classes — e os grupos ou minorias sociais colocados *também* nas classes, entre elas, ou através delas, parece ter sido sempre difícil para a Sociologia, a

Antropologia e a História, a descoberta de uma posição de análise desde onde as articulações entre tais segmentos, grupos e minorias sejam percebidas e explicadas sem a perda de duas qualidades.

Em primeiro lugar, a *especificidade,* isto é, a abordagem do grupo, de suas relações ou de sua ideologia, dentro de sua dimensão própria de estrutura e de acontecimento. Em segundo lugar, a *contextualização,* isto é, a reposição da análise feita em seu lugar adequado, recolocando-a em uma outra escala maior por ser sociologicamente mais explicativa.

Assim, em "Identidade Étnica, Identificação e Manipulação" e em "Um Conceito Antropológico de Identidade", Cardoso de Oliveira busca realizar duas coisas. Primeiro, estabelecer uma dimensão propriamente antropológica para a identidade social e, mais especificamente, para a identidade étnica, que, em "O Índio e o Bugre", ele mesmo reconhece como ainda muito marcada por um conteúdo psicológico (como seria "fenomenológico" o da "consciência", em "O Índio no Mundo do Branco"). Segundo, constituir a identidade como ideologia.

Para estabelecer a identidade étnica sobre suas bases sociais, o autor recorre às proposições de Fredrik Barth, como o modo pelo qual se representa a si mesmo o *grupo étnico,* que se conserva como grupo enquanto preserva, organizacional e ideologicamente, a sua identidade; e que se preserva como uma *identidade étnica* enquanto conserva as condições organizacionais de se manter como um grupo.

Da série de outros autores, Roberto Cardoso de Oliveira não teme recorrer até mesmo a Erik Erikson, que define a identidade como o problema ainda mais psicológico do que social. Ele recorre também a Goffman, a quem interessa mais a situação que produz a identidade, do que a estrutura que produz a situação. Uma pequena confraria de sociólogos, psicólogos e antropólogos é convocada a explicar-se em um dos momentos mais férteis do livro, quando o autor procura definir a identidade a partir do próprio processo social de sua constituição.

Uma vez estabelecida a identidade social, o autor retoma os seus exemplos de sociedades tribais para descrever, sobre elas, uma modalidade de identidade específica em operação, como uma categoria colocada agora no tamanho em que pode ser verdadeiramente útil para recobrir a dimensão ideológica das relações interétnicas.

No primeiro artigo do livro, Cardoso de Oliveira vai do grupo étnico ao processo de identificação e de ambos à identidade. No segundo, ele examina o campo do "socialmente representado", para

fazer, então, das diferenças entre ideologia, crença e representação coletiva, a defesa da identidade como ideologia. Como uma ideologia proposta nos termos de Poulantzas, cobertura simbólica e social "do horizonte do vivido", e, portanto, das representações conscientes, das representações não-conscientes (quem sabe, as mais importantes, enquanto identidade?), dos princípios e das práticas sociais do grupo étnico.

Os dois artigos seguintes retomam a análise das articulações sociais que controlam e modulam as relações interétnicas, e que terminam por produzir a própria idéia de *etnia*. Assim, de certo modo, Roberto Cardoso de Oliveira faz no terceiro artigo, com os sistemas interétnicos, o que fez nos dois primeiros com a identidade étnica e o que faz no último com a própria etnia.

Ele examina as possibilidades de uso e alcance de um indicador analítico, articula as suas possíveis combinações, no estoque real de suas situações previsíveis, de modo a produzir situações exemplares de aplicação. Depois, ele busca os exemplos típicos de algumas entre as principais articulações sociais que atravessam o campo das relações interétnicas: a situação de classe (afinal, entre índios e brancos a dimensão étnica não anula, mas redefine, a dimensão de classe), a oposição rural-urbano e as modalidades de inclusão do índio na sociedade do branco.

Assim como a identidade étnica só aparece para a consciência do índio na situação de contacto, o problema da etnia só se constitui para o antropólogo na análise da situação do contacto interétnico. "Repensando Etnia" parte justamente da constatação espantada de que *etnia*, esta palavra hoje indispensável na pesquisa de relações entre índios e brancos (ou entre outras várias categorias minoritárias), é tão tardia quanto ainda pouco definida na antropologia atual.

É, principalmente, pela discussão das idéias de Mitchell que o autor elabora a crítica da constituição da etnia como um conceito antropológico. Com a mesma conseqüência com que procurou um dia estabelecer uma teoria do contato interétnico e busca agora contribuir para a teoria explicativa do seu nível de representação, Cardoso de Oliveira pretende definir a idéia nuclear a ambos os conceitos, como um produto resultante das próprias relações interétnicas, portanto, explicado a partir da sua análise. Mas como um produto que, uma vez constituído, tanto para o índio como para o antropólogo, passa a ser, por seu turno, o próprio indicador de como as relações interétnicas se realizam.